

B-633

B. N. L.

02 MAI 1979

DEP. LEG.

«A DESCOLONIZAÇÃO PORTUGUESA FOI UMA DEBANDADA EM PÂNICO, A MAIOR VERGONHA DE QUE HÁ MEMÓRIA DESDE ALCÁCER KIBIR».

António José Saraiva

(Preço avulso: 5\$00) N.º 717  
ANO XXVII 8/3/1979

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
RIO MAIOR  
Telef. 92091

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Loulé  
Telef. 625 36

# A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTO  
PAGO

UM «ESPANTO» QUE DEU BRADO:

## O CARNAVAL DE LOULÉ/79!

Depois de porfiadas e truculentas intempéries o tempo combinou com a quadra carnavalesca e concedeu tréguias coincidentes com o efêmero consulado do rei Momo. Melhor e mais pontual não po-

### BILHETES VENDIDOS de acesso ao desfile de carros alegóricos

A receita global dos bilhetes de acesso à Av. José da Costa Mealha, onde funcionou o enorme recinto para desfile dos carros alegóricos do Carnaval de Loulé, ascendeu a 1 229 267\$00.

Por cada um dos dias de Carnaval as receitas obtidas foram as seguintes:

- Dia 25 — bilhetes vendidos — 557 492\$50.
- Dia 26 — idem, idem — 134 790\$00.
- Dia 27 — idem, idem — 536 984\$50.

Por seu turno o montante da receita feita pelos bailes atingiu verba superior a 500 contos.

deria ter sido. Auspiciosamente, três dias magníficos duraram enquanto o Carnaval andou na berlinda e deu largas às suas excentricidades.

Em Loulé as apreensões esfumaram-se como por encanto ante os raios de sol precocemente primaveril.

É ponto assente que um dos grandes trunfos catalizadores de um Carnaval de céu-aberto tão do agrado popular, visto e participado na rua pelas multidões, reside também na complacência climática, que assume papel caucionante e incitante.

O Carnaval de Loulé, só esperava por isso, pode-se dizer (um aceno amistoso do tempo) para irromper em polvorosa, com «charme», vivacidade e entusiasmo folgazão, como aliás é de seu timbre.

Agora que nos teremos de condicionar a um conciso rescaldo, a catadupa de acontecimentos desencadeados num caleidoscópio em mutação constante, ultrapassa o recurso da descrição que mais não é se não um pálido reflexo de um desfile que não era só cromático, era também constitutivo (continua na pág. 7)

## Lá vem uma, lá vem duas cheias...

Crónica de LUÍS PEREIRA

cobrarem e a arrecadarem o imposto de turismo.

Numa tentativa de recuperarem o altar-mor, os socialistas movem a cabeça coordenadora da promoção e da animação turística.

Mas analisemos a fundo o relamejar de uma certa classe política carregada de substâncias explosivas (não nos referimos a bombas, mas a névoas, neblinas, obscuridades, espíritos invernosos (continua na pág. 2)

algumas questões inerentes à continuidade e projecção dos jornais desta zona meridional do País.

A intervenção foi produzida pelo deputado Cristovão Guerreiro Norte (PSD), da qual extractamos o seguinte:

Considerando que no corrente mês realiza-se o III Encontro da Imprensa Regional Algarvia, sob o patrocínio do prestigioso jornal algarvio «Sporting Olhanense»;

Considerando que a Imprensa Regional, no caso concreto, a imprensa Regional do Algarve terá um papel importantíssimo a des-

### CENTRAL FRUTÍCOLA

#### NO ALGARVE

O Algarve vai dispôr de uma central frutícola piloto unidade a implantar com o apoio técnico da República Federal Alemã.

Segundo o Director Regional de Agricultura do Algarve, Eng.º Agr.º Guerreiro dos Santos, a negociação do projecto está em vias de conclusão e a sua concretização levará seis anos.

Actualmente a exploração hortícola do Algarve já proporciona um milhão e quinhentos mil contos anuais — revelou Guerreiro dos Santos acrescentando ser este o maior valor sectorial da economia da zona.

### INCREMENTAR

#### A PRODUÇÃO HORTÍCOLA

Portugal procura incrementar a sua produção hortícola com vista ao Mercado Comum, objectivo difícil de alcançar dada a forte implantação que já ali têm a Espanha e a Grécia.

Esta preocupação insere-se nos (continua na pág. 4)

## II ENCONTRO DE ESCRITORES ALGARVIOS

Decorreu no passado dia 18 de Fevereiro, na cidade de Lagos, o II Encontro de Escritores Algarvios que congregou algumas dezenas de plumbitivos nascidos, ou por alguma forma, ligados ao Algarve.

Este Encontro, que durou apenas um dia, ao contrário do ano passado que se prolongou por dois dias, teve a assinalá-lo, na parte da manhã, a Assembleia Geral do Grupo de Estudos Algarvios, entidade promotora do acontecimento. Desse modo deu-se lugar à leitura e aprovação do relatório e das contas da di-

reção cessante, tendo-se depois procedido às eleições para novos gerentes.

Seguiu-se um almoço de confraternização, após o que os escritores se dirigiram para a sede do GEA, onde esteve patente a II Feira do Livro Algarvio.

Seguidamente procedeu-se à leitura e apresentação das comunicações a este II Encontro, umas monótonas, outras cortantes, umas interessantes, outras que só serviram para marcar presença.

A noite a Poesia teve o seu recital, como seria de esperar, e é da praxe.

## POLÉMICA SESSÃO da Assembleia Municipal de Loulé

Numa clara demonstração das indiscutíveis vantagens duma vivência democrática que a prática diária aconselha como o melhor caminho para se encontrarem as melhores soluções, a sessão ordinária da Assembleia Municipal de Loulé, realizada no dia 17 de Fevereiro, tornou mais uma vez evidente o quanto é salutar a existência de um órgão capaz de agitar os mais prementes problemas locais.

De salientar, no entanto, que

esta sessão foi antecipada da posse dos membros que passam a formar o Conselho Municipal, ou seja mais um órgão a interferir e a influenciar as decisões da autarquia e que em gíria política (continua na pág. 4)

## SEMANA DO ALGARVE

A «Semana do Algarve» que terá cabimento de 3 a 15 do corrente mês, é uma iniciativa que tem por fim dar mostra das mais proeminentes facetas algarvias, sejam de cunho turístico, cultural, folclórico culinário ou artesanal.

Na sua realização, cujo início contou com um festival no Coliseu dos Recreios, colaboram a Casa do Algarve, em Lisboa o Governo Civil de Faro, Câmaras Municipais do Distrito e a Comissão Regional de Turismo.

## Ao que chegámos, cidadãos...

Num mundo semeado de ódios e temores, entre a surrapa da sem-vergonha e os calafrios do arrepiado, vai a história registando contradições aviltantes e surpreendentes.

Perante o amontoado de casos concretos e sem pretender neitherarquizar a sua importância vamos ao acaso, entrar no primeiro corredor, de candeia na mão, e olhar alguns cadáveres estranhos que se nos deparam.

Ainda não há muitos meses a imprensa esquerdistante, mundo fora, armou um batuque de histerismos e protestos contra a chamada bomba de neutrões — a «arma capitalista» que enfa o inimigo na cova para lhe salvar, incólume, o heraldo. A este respeito lavrou-se prosa comovente, regaram-se os olhos de indignação,

as gargantas floriram de protestos brancos e os gestos perfilaram-se numa atitude forte e (continua na pág. 2)

## GOLFE

### CAMPEONATO ABERTO DE PORTUGAL DE 1979 EM VILAMOURA

De 8 a 15 de Abril próximo decorrerá no campo de golfe de Vilamoura o Campeonato Aberto de Portugal de 1979, o 1.º da série europeia deste ano.

Nesta prova grada do golfe, participarão os melhores especialistas da modalidade, entre eles o famoso Toncs Jackin, cuja presença está confirmada.

## Rallye do Algarve e por acréscimo Clube Albufeira Holidays

(VER PÁGINA 5)

# Ao que chegámos, cidadãos...

(continuação da pág. 1)

transparente que ia buscar a sua razão à fundura das coisas impossíveis de rebater. Em Portugal, nomeadamente, um ex-presidente, Costa Gomes de seu nome, sentia-se tão melindrado na candura da sua consciência, tão martirizado no fumo sagrado dos seus bons-propósitos, que não teve pejo de atravessar a fronteira e engrossar uma grande manifestação em Amesterdão martelada de slogans e protestos, entre avenidas de punhos nervosos, contra a etrevida bomba yankee. Em Moscovo, Breznev benzeu-se de indignação e os seus devotos esplodados pelo mundo seguiram-lhe obedientes o exemplo.

Há poucos dias, no silêncio quieto da quadra natalícia, a imprensa noticiava que os russos tinham passado a ser donos da mesma bomba ontem odiada pela labareda das gargantas vermelhas em ebúlio. Costa Gomes, a gozar o borralho da reforma, não mudou de pantufas para calçar os socos do protesto, aos dedos esquerdizantes sumiu-se-lhe a tinta das canetas, as cartucheiras vermelhas mantiveram as balas sosssegadas e aos poetas das rimas da paz secou-se-lhe, por encanto, a inspiração.

Quando ontem no Vietname soldados americanos caíam de pé no lodo dos seus arroais, as paredes choravam de escritos e cartazes, rebentavam comícios sob tectos espigados de liberdade, as violas e os versos contorciam-se de tristeza, a juventude desgrenhava-se de indignação, e entre flautas, gaitas de foles e tambores, lá ia o andor da liberdade aos ombros da esquerda feireira e inquieta, entre círios de chamas soluçando, batidos por ventos de canivetes tensos e calados.

Quando hoje dois milhões de cambojanos são proibidos de viver, quando o Vietname e Camboja se esfarrapam à dentada, os aparelhos da rádio de ontem põem um arganil nos microfones, os jornalistas de «O Diário» põem um aloquete nos dentes e um alicate nos lábios, a vozearia de ontem enfiou-se nos subterrâneos do silêncio, dos violinos de protesto caem, em ridículo, bocados de cordas partidas, nos pelotões activistas só se fala de refractários e dos cartazes de protesto restam o deserto do papel esvengiado e os paus abandonados numa desolação de cidade saqueada.

Quando espingardas franquistas fizeram cair jovens bascos, a «esquerda» decretou a invasão de consulados, embaixadas viveram

entre sustos e ameaças, gritou-se a plenos pulmões por entre punhos raivosos, charruas de intelectuais lavraram regos fundos de indignação e um mar de ódio alagou baixas e montes.

Quando há algumas semanas o olhar flácido e esfíngico do ditador Agostinho Neto piscou a ordem de matar 17 homens da UNITA, as gargantas de protesto engoliram um tapume, o comício converteu-se num descampado, os Carlos do Carmo cantavam nos teatros de Havana, os cantadores meteram as violas no saco, os católicos progressistas despiram os fatos da primeira comunhão e a grandeza dos intelectuais vestiu-pasana.

Ao que chegamos, cidadãos.

Mas metem-me também muita pena os «intelectuais» penteados, cheios de ss e rr, contradandistas de palavras rebuscadas, donos de avários de boas-aneiras, clandes-

tinos num mundo de traições e sabotagens, de pescoço esticado, espremido sobre nós de gravatas de tiques burgueses, que leem este comentário e viram-se para o vizinho do lado segredando com uma voz perfumada: «Isto não deixa de ser verdade, mas esta prova é muito de direita». Ou então: «Isto devia dizer-se de outra maneira, sem cavalos, sem chicotes, sem navalhas a correr».

Só que recusamo-nos a tratar o campo minado por jardim e o anão capado por gigante.

Em nome da verdade que deve erguer-se na testa dos homens livres, em nome da coerência que deve plantar-se na expressão de olhos levantados, recusamo-nos a usar outra linguagem.

José Gama

(Do «Portuguese Times» de New Bedford)

## Lá vem uma, lá vem duas cheias...

(continuação da pág. 1) que embrutecem quando perdem o serviço de chá.

Maioria de esquerda assina manifesto de apoio à Reforma Agrária.

Câmara de Lagos e V. Real de Stº António decidem suspender o pagamento à CTRA da percentagem legal do imposto de turismo. Silves e Olhão discutem a localização da Universidade do Algarve. CEA põe o seu jornal «Terra Algarvia» à disposição do dr. Almeida Carrapato para assumir as responsabilidades de director. Segundo o jornal «O Tempo», o Governador Civil lembra que a criação da região de turismo do Algarve trouxe a assinatura de Marcelo Caetano e Gonçalves Rapazote.

Manuel Cabanas substituiu Luís Filipe Madeira, que pediu a suspensão do seu mandato como Deputado pelo Algarve. Os Deputados do PSD, Cristóvão Noronha e José Vitorino, numa chuva de requerimentos de última hora, podem Posto de Quarteira, abastecimento de água a Boliqueime e Almansil, um Palácio de Justiça para Albufeira, etc., etc.

Notícias buriladas que reflectem a correria dos políticos para o burgo amanteigado e o inchaço

de falar com desembaraço nesse buzaranho de ideias toscas e mírdia partidária.

E o Algarve continuará retorcido a encher esse vasilhame de pretensiosos que não olham às estradas de cilha e cabresto, ao saneamento básico, à saúde, à habitação, aos «bidonvilles» arcabuçados nas zonas turísticas, às ruas esburacadas etc., etc....

Falar-se em Regionalismo e Descentralização e pensar-se apenas no mealheiro partidário em vez de catar-se as tranças mais molestadas da nossa província, é um buzilhão que só serve a comunistas e a socialistas, pois nunca os vi buzinar em prol da comunidade a não ser para orientarem os seus bustos.

Assim, numa zona das mais ricas do País onde dominam quase todas as repartições públicas, é fácil levantar o estandarte dos punhos fechados e adorar as suas convicções trepadeiras.

E então teríamos um turismo socialista, uma cultura socialista, umas finanças socialistas, uma comunicação socialista e quem sabe, talvez, uma pessoa barrigada a falar pouco transparente e baixo.

É, pois, urgente que o Algarve se defina nas próximas eleições. Se continua apostando em determinadas cabeçorras que só pensam no cordão dos seus haveres próprios ou se preparam para reformar a mentalidade rudimentar deste povo, esquecido nesses arrastões de enganos e maldicências.

Não nos queiram enfiar um capuz vermelho...

LUIS PEREIRA

## COZBAR

CERÂMICA DO BARLAVENTO, S.A.R.L.  
ALGÓS

(Séde provisória): Rua Marechal Gomes da Costa, 121-r/c  
Telef. 62117 — LOULÉ

## CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade para reunir no dia 24 de Março de 1979, pelas 15 horas, no escritório da Sociedade, no sítio de Vales — Algoz, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Discutir e votar o Relatório e Contas do Conselho de Administração relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1978, bem como o respectivo parecer do Conselho Fiscal.
- Subscrição de Acções para aumento de capital, de harmonia com o disposto no n.º 3 do Art.º 5.º dos Estatutos.
- Discutir e votar sobre qualquer assunto de interesse para a Sociedade.

Loulé, 24 de Fevereiro de 1979.

O Presidente da Assembleia Geral  
(ass) Júlio Cristóvão Mehalha

## JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

**Notário: Licenciado Nuno  
António da Rosa Pereira  
da Silva**

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notais para escrituras diversas, n.º A-105, de fls. 78, v.º a 80, v.º se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 23 do mês corrente, na qual Catarina Ricardo Paquette, viúva, residente na povoaçao e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, iste declarou dona e possuidora, com exclusão de outrém, dois seguintes prédios:

Número um — Rústico, constituído por uma courela de terra de areia e barreira, com árvores, no sítio da Garrão, freguesia de Almansil, confrontando do nascente e norte com Francisco Martins Mendonça, do poente com Manuel Nunes Farias e do sul com José Pires dos Barrol, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil trezentos e seisenta e cinco, com o valor matricial de dois mil seiscentos e quarenta escudos, e o declarado de 5 000\$00;

Número dois — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil setecentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 3 000\$00;

Número três — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número quatro — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número cinco — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número seis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número sete — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número oito — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número nove — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dez — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número onze — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número doze — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número treze — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número quatorze — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número quinze — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

Número dezasseis — Rústico, constituído por terra de areia e de isemeiar, com árvores, no mesmo sítio da Fonte Coberta, da mesma freguesia de Almansil, confrontando do nascente com José Guerreiro Simão, do norte com Francisco Martins Mendonça e do poente e sul com o mesmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatro mil seiscentos e oitenta e sete, com o valor matricial de três mil cento e vinte escudos e o declarado de 7 000\$00;

N

# O MURO DA VERGONHA

por ROLLIN DE MACEDO

Depois de dezassete anos — completados no passado 13 de Agosto — o trágico «Muro de Berlim» continua a produzir efeitos e notícias que afrontam a dignidade da pessoa humana e dos povos do Mundo inteiro.

E mais, está a crescer para melhores efeitos de segurança: reforço da valla, a divisão fraticida berlinesa, por exemplo, a afastar cada vez mais a concórdia entre cidadãos e irmãos do mesmo país europeu.

No «Muro de Berlim» a noite torna-se artificialmente dia mercê da iluminação por potentes faróis de néon, que consomem mais Kilotávios do que a Quinta Avenida, de Nova Iorque. Tanta iluminação não é para facilitar a passagem mas, ao invés, para impedir-las.

Antigamente as muralhas dos castelos eram rodeadas de fossos com água, e agora, o «Muro de Berlim» é «fortificado» com luz. Nenhum fugitivo pode dar o salto amparando-se nas sombras da noite. A franja iluminada pelos faróis tem uns cinquenta metros de largo, e para chegar a ela há que atravessar uma zona proibida de duzentos a trezentos metros, também vigiada e com dispositivos automáticos de alarme ligados a sirenes.

O muro propriamente dito é um sólido taipal construído com blocos de cimento. Ao longo de uma boa parte dos seus 164 Km de comprimento (todo em redor de Berlim Ocidental) o muro está coroado por rede de arame estendida sobre suportes em forma de forquilha.

O muro foi crescendo ao longo dos anos — sobrepondo blocos de cimento — até alcançar recentemente os 4,20 mt de altura. Cresce sem que o Mundo se preocupe com isso. Inclusive na própria Alemanha parece que prefere não intervir-se.

Recordemos que o muro já esteve aberto em «direcção única», só para que os ocidentais passassem ao sector oriental, à base de salvo-condutos. Foram então as ocasiões das fugas espectaculares.

Os vopos, os polícias populares, tinham — e continuam a ter — instruções de abrir fogo sobre quem não obedecesse à ordem de alto.

Desde 1972 que o muro está aberto para os alemães da República Federal e berlineses ocidentais, sem outro requisito que não seja o de apresentar o Bilhete de Identidade ou Passaporte. Os jubilados da Alemanha Oriental também têm autorização das suas autoridades para se deslocarem à Alemanha Ocidental.

Os alemães de um e outro lado acostumaram-se a viver com o «Muro de Berlim». Resignaram-se e ninguém espera que desapareça num futuro previsível.

Há vários controlos fronteiriços para passar de automóvel, mas a imensa maioria dos berlinenses ocidentais passa para o outro sector nas linhas do Metropolitano e Caminho-de-ferro elevado, que param num cais especial da estação de Friedrichstrasse, no pleno centro do que foi o Berlim da «belle époque».

Ao cabo de dezassete anos de construído o «Muro de Berlim»,

entre a República Federal da Alemanha (RFA) e a República Democrática Alemã (RDA), há que constatar que à medida que a crescente diminuía o número de incidentes. O muro converteu-se numa obra quase perfeita da engenharia alemã e hoje é extremamente difícil que um fugitivo possa ludibriar os sistemas de vigilância e controlo.

As fronteiras inter-alemãs, a que atravessa a ex-capital do Reich e a que divide as duas Alemanhas (1200 Km, desde o Mar do Norte até à Baviera) são as fronteiras mais herméticas do Mundo, as mais difíceis de atravessar ilegalmente.

Será o «Muro de Berlim» o último vestígio da guerra-fria na Europa? Talvez, ainda que a sua construção se deveu a motivos económicos, não políticos. A República Democrática Alemã perdeu mais de dois milhões de habitantes em poucos anos. Uma oitava parte da sua população — entre a qual figuravam uma elevada porção de catedráticos, técnicos, médicos, operários especializados, etc., deixou a Alemanha Oriental para ir para a Alemanha Ocidental.

Esses refugiados, que na verdade não eram refugiados políticos, mas sim económicos — pois fugiam da sua terra em busca de melhores salários e condições de

vida —, contribuiram de maneira decisiva para o enriquecimento da Alemanha Ocidental e logicamente o empobrecimento da Alemanha Oriental. Esta só começou a prosperar economicamente depois da construção do muro. O seu «milagre económico» é dos principais desta década.

Os intentos de fuga pelo «Muro de Berlim» são, sem dúvida, cada vez mais escassos. É mais fácil a saída através de um terceiro país (viajando de turista para outro Estado da Europa Oriental e seguir para Ocidente com passaporte falso) ou aguardar que uma organização ou parente rico da República Federal pague um «resgate» ao regime de Pankow para sair legalmente. Nestes dezassete anos foram registrados na Alemanha Federal, 175.300 refugiados procedentes da RDA.

No caso — hipotético — de que se decidisse derrubar o muro da noite para o dia — como quando se decidiu construí-lo —, fugiriam centenas de milhar de alemães orientais, entre os quais figuraria uma altíssima percentagem dos mais profissionalmente capacitados.

Não é previsível qual das duas Alemanhas chegará a equilibrar o seu nível de vida mas o certo é que a Ocidental continuará a ser consideravelmente mais rica que a Oriental.

## JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

**Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva**

Certifico, para efeitos de publicação que neste Cartório e no livro de notais para escrituras diversas, n.º A-105, de fls. 81 a 83, se encontra examinada uma escritura de justificação notarial outorgada no dia 23 do mês corrente, na qual António Gomes Guerreiro e mulher, Maria do Pilar Guerreiro, residentes no sítio da Alfarrabeira, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, dos seguintes prédios:

1. Situado no concelho de Loulé:

1.1. — Misto, constituído por uma moradia de casais terreiros, com vários compartimentos, para habitação e uma dependência e por terra de semeiar, com árvores, no sítio da Alfarrabeira, freguesia de São Clemente, confrontando do norte com Manuel Viegas Alcaria e outro, do nascente com João Bartolomeu, do sul com José Correia e outro a do poente com Faustino Correia, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número sete mil trezentos e doze, com o valor matrício de oitocentos e oitenta escudos, no valor global de onze mil e trezentos escudos e a que atribuem o de vinte mil escudos;

Que estes prédios se encontram omissoes nas competentes Conservatórias do Registo Predial deste concelho e do de Faro, e que é titular das referidas inscrições matriciais José Guerreiro ou José Guerreiro Júnior, de quem os mesmos provieram; com efeito,

Os prédios supra descritos pertencem-lhes por quanto:

Em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, o aludido José Guerreiro e mulher, Gertrudes do Pilar, ca-

des Pinto e do sul com Maria do Carmo Rombinha, inscrito na respectiva matriz predial, a parte urbana sob o artigo número dois mil quatrocentos e vinte e dois, com o valor matrício de três mil quatrocentos e sessenta escudos e a rústica sob o artigo número mil oitocentos e quarenta e um, com o valor matrício de sete mil oitocentos e quarenta escudos, no valor global de onze mil e trezentos escudos e a que atribuem o de vinte mil escudos;

2. Situado no concelho de Faro:

2.1. — Rústico, constituído por uma courela de terra de semeiar, com árvores, no sítio dos Valados, freguesia de Santa Bárbara de Nexe, confrontando do norte com Manuel Viegas Alcaria e outro, do nascente com João Bartolomeu, do sul com José Correia e outro a do poente com Faustino Correia, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número sete mil trezentos e doze, com o valor matrício de oitocentos e oitenta escudos e a que atribuem o de dez mil escudos;

Que estes prédios se encontram omissoes nas competentes Conservatórias do Registo Predial deste concelho e do de Faro, e que é titular das referidas inscrições matriciais José Guerreiro ou José Guerreiro Júnior, de quem os mesmos provieram; com efeito,

Os prédios supra descritos pertencem-lhes por quanto:

Em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, o aludido José Guerreiro e mulher, Gertrudes do Pilar, ca-

## DECLARAÇÃO

**Florentina Guerreiro Alexandre Mendes**, residente na Austrália, vem por este meio tornar público que não se responsabiliza por quaisquer dívidas contraídas por seu marido, Fernando Pires Mendes, residente na Austrália, por motivo de ter abandonado o seu agregado familiar (mulher e filhos).

Sydney, 20 de Fevereiro de 1979.

Florentina Guerreiro Alexandre Mendes  
17 West St. Paddington 2021 — Sydney Austrália

## Gabriela, Cordeiro & Cordeiro, Lda.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 2.º CARTÓRIO

**Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas**

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Janeiro findo, lavrada de fls. 47 a 49, do livro n.º B-57, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Maria Gabriela Ávila Costa Martins Pinguinha, Manuel Ildefonso Cordeiro e João Manuel Ildefonso Cordeiro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma de «Gabriela, Cordeiro & Cordeiro, Lda.», e tem a sua sede na Pastelaria do Mercado Municipal, na Praça da República, na freguesia de S. Clemente, na vila e concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, iniciando hoje, a sua actividade.

§ 1.º — Para obrigar validamente a sociedade é sempre necessária a assinatura do sócio gerente Manuel Ildefonso Cordeiro, podendo, contudo, os actos de mero expediente ser assinados por qualquer sócio.

§ 2.º — A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

5.º — 1. A cessão de quotas entre os sócios é livre;

2. A cessão de quotas a estranhos, depende do consentimento dos sócios não cedentes, a quem é conferido o direito de preferência.

6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 5 de Fevereiro de 1979.

O 2.º Ajudante,

**Fernanda Fontes Santana**

A Voz de Loulé, n.º 717 de 8-3-79

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

## ANÚNCIO

Proc. n.º 86/78-2.º

(2.º publicação)

Na acção de divórcio que, na 2.ª Secção deste Tribunal, Maria Adília Calço Pires Lázaro, residente na rua do Espírito Santo, 14, Loulé, move contra AGOSTINHO DA PIEDADE LÁZARO, ausente em parte incerta e que residiu na Rua de Portugal, 26, Loulé é este réu citado para, no prazo de 20 dias, que começa a correr 30 dias a contar da 2.ª publicação deste anúncio, contestar o pedido de divórcio feito pela autora com o fundamento constante da petição inicial, cujo duplicado lhe será entregue se o solicitar.

Loulé, 15 de Fevereiro de 1979.

O Escrivão de Direito,  
**João Maria Martins da Silva**

Verifiquei: — O Juiz  
de Direito,  
**Mário Meira Torres Veiga**

### Profissional de Hotelaria

Oferece-se para trabalhar em hotel, restaurante ou bar.  
Tratar com: João Manuel Casimiro Pereira — Vale de Eguas — LOULÉ.

# Sessão da Assembleia

(Continuação da pág. 1)  
poderá ser interpretado como «poder paralelo».

Trata-se, contudo, duma expressão particularmente curiosa dado que, em geometria, paralela significa: «duas linhas o que por mais que se prolonguem, nunca se encontram», enquanto que, em política a mesma palavra pode ter significado completamente oposto: «duas linhas (políticas) de poder paralelo» são 2 linhas «di-vertentes».

E nós receamos que, em Loulé, tal como a nível do Governo, a criação de mais um poder paralelo contribua para travar o progresso da nossa terra — o que seria profundamente lamentável.

Talvez tivesse sido exactamente por isto que só agora se constituiu o Conselho Municipal — exactamente 9 meses depois da publicação do Decreto que criou mais um poder municipal.

O facto foi assinalado por uma moção de Censura da própria Assembleia que, desta forma, se auto-criticou pela demora, mas recebeu também o apoio de alguns membros que entenderam que a «criança» deve ser saudável pois teve «os 9 meses certos de gestação».

As representações no Conselho Municipal são as estipuladas pela Lei e as pessoas designadas para essas funções são as seguintes:

**Cooperativa de Produção:** Presidente — Manuel Joaquim Correia Dias.

**Cooperativa de Habitação:** 1.º Secretário — José Manuel Ascenso Sousa Martins.

**Colectividades Desportivas:** 2.º

pois falámos pessoalmente com o sr. Arquitecto Fausto do Nascimento que nos forneceu novos elementos.

No prosseguimento desta reunião, mais uma vez o problema de abastecimento de água ao Ameixial foi acaloradamente levantado na Assembleia Municipal e mais uma vez não foi possível atingir o ânimo do problema.

Para o P. S. D. isso aconteceu porque ainda não foi feito o inquérito pedido, o qual nem sequer foi mencionado em acta. Para o P. S. (e pela voz dos seus representantes os srs. Carlos Alberto e José António) o assunto está a tornar-se irritante e é considerado como um ataque pessoal a um elemento do P. S. que é Presidente da Junta de Freguesia do Ameixial, pelo que devia ser arrumado de vez.

E exactamente por que deseja ver o caso devidamente esclarecido, por entender que está em causa a população do Ameixial, é que o grupo parlamentar do PSD insiste em agitar o problema e fê-lo agora em termos tão severos como o das acusações que a abaixo publicamos, pois contêm dados que somos forçados a aceitar como verdadeiros. visto que, no essencial, não foram desmentidos por nenhum dos responsáveis presentes, muito embora o sr. Abílio Antunes Mártilres, Presidente da Junta se sentisse «martirizado» pelo que considerava um ataque pessoal, circunstância que muito lamentava.

Explicou ainda que o sistema

# Municipal

res daqueles que se sentem prejudicados nos seus justos anseios de verem melhoradas as suas precárias condições de vida.

Face ao que ouviram, acharam por bem esclarecer a Assembleia Municipal das ocorrências ali passadas, fazendo-o através dum comunicado que resumimos no seguinte:

Afinal as pessoas do Ameixial têm razão para falar. Têm razão mas não têm água e preferiam ter água e não ter razão. Estão contra a C. M. L. e têm razão e gostavam de não a ter e ter água canalizada em suas casas. Estão contra o Presidente da Junta de Freguesia e têm razão. No entanto preferiam não a ter e ter água em suas casas.

Os depoimentos das gentes do Ameixial são uma grave acusação à forma de planeamento, fiscalização e acabamento (se aquilo se pode chamar acabamento) e à forma como estão a ser executadas as obras de abastecimento de água e esgotos.

A obra é da administração directa da C. M. L. (sob fiscalização do GAPA), muito embora o sr. Presidente da Câmara de Loulé já tivesse dito que a edilidade louletana não tinha nada a ver com o assunto.

Esta afirmação torna ainda mais estranho o facto de a C. M. L. ter entregue a obra ao Presidente da Junta de Freguesia (na qualidade de empreiteiro), sem ter aberto concurso ou ter tido o cuidado de efectuar consultas no mercado. Apenas se sabe que sobre os documentos de despesa apresentados incide uma comissão de 15% para o empreiteiro.

A obra foi entregue sem projeto, mas apenas com um esboço de projeto e orçada em 5 000 contos. Entretanto já foram gastos 7 500 contos. Segundo o empreiteiro, o esboço foi feito em cima do joelho. Que dirá o Gabinete Técnico da Câmara?

A água, muito pouca, que sai dos canos, é imprópria para consumo, e só pode ser utilizada em dois curtos períodos diários. Os fontenários não funcionam. O depósito está mal construído e nunca teve mais de vinte centímetros de água. A nascente não tem capacidade para alimentar a potência extractiva da bomba e esta, trabalhando em «relântio», não tem força para abrir a válvula de retenção da entrada de água no depósito, pois este tem um único tubo para a entrada e para a saída de água.

A tudo isto pode-se acrescentar que a Junta de Freguesia não funciona. Dois membros demitiram-se (o secretário e o presidente da A. F.) por não concordarem com a actuação ditatorial do presidente/empreiteiro. Não existem actas nem escrita, nem conta bancária. (Se não existe conta bancária em nome da Junta estará o dinheiro depositado em conta pessoal?) De quem?

Pelo atraso exposto e por outros factos que em devido tempo serão dados a conhecer, o PSD pediu na última Assembleia Municipal uma sindicância àquela obra. Estranhamente este pedido nem sequer foi mencionado em acta.

Consciente de que tem obrigações perante os cidadãos eleitores e em especial pelas populações rurais, que durante tantos anos viveram esquecidas, o PSD de Loulé tem procurado defender os seus legítimos interesses através duma acção tão persistente quanto possível na V Assembleia Municipal.

Daí a razão porque os seus representantes têm insistido, em várias sessões em ver esclarecidos de uma vez por todas, os nebulosos problemas surgidos em consequência das obras de saneamento básico no Ameixial.

E assim, considerando que as suas críticas não têm sido ouvidas por quem de direito, decidiu o PSD fazer deslocar ao Ameixial alguns dos seus representantes e aí ouvir, de viva voz, os clamorosos de como se deve proteger a Natureza.

Como este problema merece a nossa melhor atenção, reservamo-lo para breve, visto que de-

# COMEMORAÇÕES NACIONAIS do Cinquentenário de «A Selva»

Com a abertura ao público de uma Exposição de Pintura do artista José Rodrigues dos Santos, pintor do bucolismo da paisagem, dos costumes e gentes de Osela (terra natal do consagrado autor de «A SELVA»), iniciou-se em Oliveira de Azemeis um ciclo de actividades culturais que visarão, sobremeneira, relembrar FERREIRA DE CASTRO e comemorar o 50.º aniversário da publicação do Livro «A SELVA».

É um vasto e ambicioso programa de realizações culturais em duas fases distintas, de 6/1/79 a 24/5/79 fase preliminar que abrangerá o distrito de Aveiro, e

de 25 de Maio de 1979 a 29 de Junho de 1980, com realizações de carácter regional e também de âmbito nacional, nomeadamente uma Exposição Bio-Bibliográfica do escritor, itinerante que percorrerá as principais cidades do país, e bem assim Exposições e Conferências, etc..

Iniciativa organizada pela Comissão Coordenadora Nacional das Comemorações do Cinquentenário de «A SELVA», tem o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura e apoio da Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis e Governo Civil de Aveiro.

# MUSEU NACIONAL DA RÁDIO um projecto em vias de desenvolvimento

Da Radiodifusão Portuguesa - E. P., recebemos a notícia que a seguir nos apraz transcrever:

«O MUSEU NACIONAL DA RÁDIO, instituído pelo Decreto N.º 274/76, de 12 de Abril, sob a responsabilidade da Radiodifusão Portuguesa vai materializar o determinado por lei, propondo-se, de imediato, estabelecer o mais útil diálogo com o radiouvinte, aliás a base do futuro MUSEU NACIONAL DA RÁDIO.

O Povo com todo o seu entusiasmo pelo aparecimento da maravilhosa ciência, foi ele que adquiriu, principalmente de 1930 para cá, os receptores de rádio, desde os de baterias com os seus esquemas de montagem próprios, até os mais sofisticados; as gramofones de campânula e mais tarde as portátiles; os emissores experimentais de pequena potência, que cobriam as várias zonas de Lisboa ou do Porto e, por fim, as antenas de quadro e os altifalantes de estrutura curva — tudo reunido fizeram as delícias do passado.

Muitas dessas relíquias, verdadeiras jóias sem preço, estão arrumadas para um canto, sótão ou cave, a deteriorar-se com o tempo quando podem tomar o seu lugar ao sol no MUSEU NACIONAL DA RÁDIO, representando os primórdios da descoberta e o uso do que mais tarde se marginalizou pelo próprio progresso da Rádio. Não é pois difícil crer que qual-

quer ouvinte tenha um aparelho ou objecto ligado à Rádio, Som ou Televisão, que já o não utilize, por antigo, e o queira oferecer ao MUSEU NACIONAL DA RÁDIO — onde mais tarde, se a oferta tiver mérito, o pode rever em exposição e devidamente classificado.

Se o ouvinte quiser colaborar, não tem mais que fazer uma investigação pelos seus chamados «trastes» e se neles encontrar rádios ou peças, livros de rádio, de som e de televisão, etc., entre em contacto com a Radiodifusão Portuguesa — MUSEU NACIONAL DA RÁDIO».

# INCREMENTAR A PRODUÇÃO HORTÍCOLA

(continuação da pág. 1)  
objectivos das primeiras jornadas luso-espanholas de horticultura protegida, a realizar de 17 a 20 de Abril na aldeia das Açoeteias (Albufeira).

Segundo o eng.º agrônomo Guerreiro dos Santos, Director Regional de Agricultura do Algarve, e Presidente da Comissão Executiva do Encontro, os congressistas vão procurar ainda comentar a aproximação entre os técnicos e os serviços dos seus países e o intercâmbio das suas experiências.

No âmbito do intercâmbio, e a anteceder as Jornadas, a Associação Portuguesa de Horticultura promove, com o patrocínio do Fundo do Fomento de Exportação, uma deslocação a Almeria (Espanha).

# CARIMBOS

Executam-se na  
GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 62536 — LOULÉ

# SIEMENS SURDOS

UM SÍMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTAS dia 21 de MARÇO nas seguintes cidades, onde o especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva:  
Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho às 9 horas.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 às 19 h.

LARINGES ELECTRÓNICAS.

Escritórios e Laboratórios em Lisboa:  
Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calç. Eng. Miguel Pais, 56-1.º)



Ouvido Secreto

# CANTINHO DA CRIANÇA

SECÇÃO DE E PARA A CRIANÇA

## Para ti, criança!

Quando surgiu a ideia do «Cantinho da Criança» eu tinha a certeza de que vocês iriam impressioná-lo da mais valiosa poesia, da poesia que nasce da realidade, da força lírica, do sonho... E tinha a certeza, porque há doze anos que sou professor e há doze anos que recebo lições de poesia — porque vocês são a mais verdadeira poesia da vida.

Quem duvida que tu, criança, és, por natureza, criadora? Só o pode contestar quem nunca te observou entregue livremente ao seu trabalho ou quem só te en-

controu depois de marcado pelos «pontapés» do mundo.

Eu sei que tu tens necessidade vital de crescer, tens necessidade de exprimir para ti e para os outros, aquilo que pensas e sentes. Eu sei que a linguagem verbal contribui para o desenvolvimento das tuas ideias e é um meio pelo qual tu podes comunicar e exteriorizar o teu mundo interior num plano estético e lógico. Eu sei que tens prazer em traduzir pela palavra o que pensas, o que imaginas, o que sentes.

Por tudo isso, eu sabia que vocês iriam dar, a todos os leitores de «A Voz de Loulé», a mais bela lição...

«A criança ensina-nos que o caminho se faz, caminhando».

Escreve sempre textos quando te apetece e quando tiveres qualquer coisa dentro de ti, que pretendas exprimir para ti próprio e para os outros.

«A criança é uma flor a crescer que se abre para a vida, conforme o Sol que a aquece...»

Idália Farinho Custódio

## RONDA PELAS ESCOLAS PRIMÁRIAS DE LOULÉ

Em resultado das visitas feitas a várias escolas de instrução primária de Loulé, aqui ficam já arquivados alguns trabalhos transmitidos por pequenos e esperancosos autores.

Será ocasião de dizer que durante essas visitas foi-nos oferecida a oportunidade de entabular um diálogo cordial por intermédio do qual nos apercebemos de frutuosos métodos de ensino e pedagogia postos conjuntamente em prática.

Em cada escola, sempre que uma pergunta eraposta à classe surgiam sempre vários dedos na air a pedir a palavra, sem atropelos nem confusões.

Uma lição para certos meios, em que por vezes as vozes se ouvem em tumulto.

Colaboram hoje, neste «Cantinho», Ana Teresa Pereira da Silva (10 anos), Ana Cristina Gaspar dos Santos (10 anos), ambas da Escola do Serradinho, Paulo Alexandre Rodrigues (8 anos), Luisa Paula Silva Vieira Nobre (8 anos), Carla Maria Branco da Silva (9 anos), Eduardo Nuno Mínero França Alves (8 anos) e Filipe Manuel Murta (10 anos), estes alunos de outra escola de Loulé.

J. C. Viegas

### A CRIANÇA

A criança, toda a criança, tem que ser estimada pelos pais, tios, avós, pela sociedade.

A criança quando nasce tem de enfrentar o mundo cheio de cores e luzes.

A criança tem de ser justa. Todos os pais têm o direito de ensinar a criança, mas ensinar com carinho e amor, com o carinho e amor, que todos os pais devem dedicar aos seus filhos. Porque há pais que não têm amor pelos seus filhos. Tratam-nos de qualquer maneira. Eu tenho muita pena das crianças que são mal tratadas.

Mas a criança também tem de ser bem educada.

Há crianças que sofrem muito, por causa da fome e da miséria. Por exemplo, na guerra do Vietname.

Tenho muita pena também das crianças sem pais, porque não há amor maior que o dos pais.

A criança, cujos pais se dão mal, não pode ser feliz.

Tu, criança, és a flor da liberdade.

Ana Teresa Pereira da Silva (10 anos) — Escola do Serradinho

Nós, crianças, temos de ter direitos e também deveres. Devermos obedecer aos pais, e os pais têm de nos dar amor, fraternidade, compreensão, para que nós tenhamos de ser bons homens e mulheres, de amanhã.

E nós, crianças, fomos criados para ajudar todos os que nos rodeiam.

Há crianças que não têm família, mas podem viver alegres, com amor, porque basta viverem em

conjunto, com amor, e terem uma sociedade justa.

As crianças têm de ser bem tratadas por todos os homens e mulheres.

Ana Cristina Gaspar dos Santos (10 anos) — Escola do Serradinho.

### O CINEMA EM LOULÉ E AS CRIANÇAS

Eu queria que houvesse todas as semanas, uma vez, cá em Loulé, cinema para as crianças: «A Gata Borracheira», «A Pantera cõr-de-rosa», «Pica-pau» e «Charlot», mas não há.

Até anda crianças descalças no Ano Internacional da Criança!

Paula Alexandre Rodrigues Fernandes — 8 anos.

Eu gostava tanto que houvesse filmes para crianças! Ainda nunca vi cinema. Gostava tanto de ver! Adorava ver cinema, porque nunca vi filmes no cinema! Ainda não fui ao cinema nenhuma vez!

As crianças de todo o mundo, algumas também ainda não viram cinema e, se calhar, adoravam ver filmes infantis como eu que só vejo da televisão.

Luis Paula Silva Vieira Nobre — 8 anos.

Gostava que houvesse cinema para as crianças. Desenhos animados: «A Gata Chalupa», «O Ursinho Colagol» e a «Pantera Cõr-de-Rosa». Será que eu os vou mesmo ver no cinema?

Carla Maria Branco da Silva — 9 anos.

Gostava que houvesse cinema para as crianças. Desenhos animados: «A Gata Chalupa», «O Ursinho Colagol» e a «Pantera Cõr-de-Rosa».

Será que eu os vou mesmo ver no cinema?

Filipe Manuel Murta — 10 anos.

Gostava que Loulé apresentasse filmes para as crianças se divertirem.

Quando há cinema em Loulé, parte das vezes, é só para adultos e é, por isso, que muitas crianças nunca viram cinema na vida. Em Loulé, e em toda a parte do mundo, devia haver filmes para crianças. Por que é que não fazem como em Tomar? 2 500 crianças foram ao cinema: uns vieram «Charlot», outros o «Tintim».

Gosto muito do cinema da minha localidade porque é muito grande e bonito.

(De uma Escola Primária de Loulé).

Houve folclore em Loulé, mas eu não fui porque não soube.

Eu e as outras crianças gostaríamos de ver muitos filmes. Se não quiserem anunciar na televisão, avisem na telefonia e, para as crianças que não compram «Telesemana», avisem no jornal de Loulé.

Eduardo Nuno Mineiro França Alves — 8 anos.

As crianças gostam muito de cinema. Como este ano é o Ano Internacional da Criança eles dizem que darão filmes para as crianças! Lá para o estrangeiro há sempre cinema para as crianças e dão bons filmes: «Tintim», «Tarzan», «Astérix», «Charlot».

Gostava que houvesse sempre cinema para todas as crianças de todo o Mundo.

Filipe Manuel Murta — 10 anos.

## Rallye do Algarve e por acréscimo Clube Albufeira Holidays

Por acordo firmado entre o Racial Clube de Silves e o Clube de Férias de Albufeira, a grande prova automobilística que conta para o Campeonato Europeu da modalidade, e que decorrerá conforme anunciámos na oportunidade de 1 a 4 de Novembro próximo, passou a designar-se, integralmente, de «Rallye do Algarve/Clube Albufeira Holidays».

O convénio foi estabelecido tendo em vista um mais dimensionado aproveitamento turístico, para o qual este certame desportivo de caráter internacional, se mostrou sempre talhado.

Havendo, portanto, uma convergência de interesses em apreço, acharam as entidades intervenientes que a conjugação de prémios revidaria altamente po-

sitiva.

Para lançamento desta famosa prova automobilística, estão já os promotores, depois de preambular digressão a Monte Carlo, empenhados numa campanha de grande estilo propagandístico a desenvolver em diversos pontos do País e até pela Europa, designadamente Paris e Londres, através dos Centros de Turismo de Portugal ali existentes.

Como é de ver não são desprezados os mais ínfimos pormenores promocionais, para que este próximo Rallye do Algarve/Clube Albufeira Holidays se converta para além de um desígnio desportivo de grande categoria numa jornada fomentadora e difusora das aptidões turísticas do Algarve.

# Factos e Notícias

secção noticiosa de JOSÉ MANUEL MENDES

## Tarados sexuais nos acessos da Escola Secundária

É uma autêntica pouca vergonha o que se passa nos acessos da Escola Secundária. Quer pelo lado do famigerado Parque Municipal, quer na própria estrada que vai para Lisboa, dezenas de indivíduos fazem ali palco quotidiano para as suas aberrações sexuais, provocando descaradamente as adolescentes que por ali passam no caminho ou na volta dos seus afazeres escolares.

Exibicionistas de todas as idades, mas com uma média que deve rondar os 35-40 anos, postam-se em lugares estratégicos, para saltarem à mente das incautas estudantes, fazendo mostra despidura dos órgãos genitais quando não, perseguindo as raparigas, e chegando mesmo a jogar-lhes as mãos. O incrível deste descalabro de costumes é atingido quando, mesmo nas imediações do Café Delfim, em plena avenida do Monumento se postam no meio das figueiras frondosas ali existentes, e dão execução aos seus desvios sexuais.

Não pretende esta prosa entrar em domínios de exaltação moralista, tanto mais, quanto estas aberrações de carácter psico-fisiológico sempre existiram e hão-de continuar a existir, elas próprias, até como reflexo dos condicionamentos sociais em que vivemos.

Tampouco faremos a condenação da masturbação, ou a cándida defesa da pureza das adolescentes. A educação sexual, felizmente, já vai deixando de ser tabu ou de conversa proibida para menores de 21 anos.

Agora, o que não podemos concordar de forma nenhuma, é que qualquer pessoa, seja ela de que idade for, seja objecto de incômodo físico ou moral por parte de indivíduos que deveriam estar em tratamento psiquiátrico, ou na cadeia, já que revelam não se con-

seguirem já controlar dentro da sua própria intimidade, e estando em vias de degenerar rapidamente para formas patológicas muito mais graves, tornando-se portanto perigosos para a liberdade cívica, e neste caso, sexual, dos cidadãos.

Para terminar este apontamento, apenas uma recomendação às meninas ou às senhoras que transitam pelos lugares que referimos: se ouvirem um assobio, um um pssst de chamamento ou alguma palavra do vocabulário da ordinarice, não respondam, ou não olhem. Sigam o vosso caminho. Porque, se é que isso vos pode incomodar... trata-se, quase pela certa de um exibicionista.

## GRANDE CIRCUITO INTERNACIONAL DE SEIA

O Grande Circuito Internacional de Seia, que vai agora na sua 15.ª edição, terá lugar no próximo dia 18 do corrente e comportará várias provas de atletismo.

O certame, conta com a organização do Clube Desportivo Vodractex, com a colaboração da Associação de Atletismo da Guarda e com o patrocínio da Câmara Municipal de Seia, J. Fernandes F. Simões, Fiação Estrela de Seia, Lda., Campos Melo & Lão Lda., Fernandes & Costa, Lda., e Comissão da Serra da Estrela e Comércio local.

O programa elaborado é o seguinte:

— Às 11 horas, Prova para Atletas Populares.

— Às 12 horas, Prova para Atletas Filhados de 5 000 (juniors e séniores masculinos).

**A TÉCNICA ESTÁ AO SERVIÇO DA AGRICULTURA PARA A TORNAR MAIS RENTÁVEL**

Por isso os agricultores devem contactar com os técnicos da LUSOVEMA para melhor se aconselharem a resolver os seus problemas de águas.

Temos: Grupos electrobombas de alta e média pressão, bombas elevatórias para construção civil, submersas, verticais e horizontais e também novidades em aparelhagem para captação e tratamento de águas. Material eléctrico.



Faça uma visita às instalações da

**LUSOVEMA**

Av. Marçal Pacheco

Telef. 62233

(Urbanização Sul)

LOULÉ



Sede em Lisboa:  
Av. João XXI, 6-r/c, Dt.º — Telefs. 889125/6

# NOTÍCIAS DO CICLISMO

Secção de JOSÉ MANUEL MENDES

## Prova de abertura em estrada

Marcada para a manhã do domingo de Carnaval, dia 25 de Fevereiro, a nova Direcção da Associação de Ciclismo de Faro, fez disputar em Almôdovar a Prova de Abertura em Estrada destinada às categorias de Júniores e Séniores.

Louvável iniciativa, no que respeita à animação de uma modalidade, numa zona onde é urgente não deixar extinguir o entusiasmo que existe pelo ciclismo, se bem que o traçado da prova em circuito, estivesse longe de ser o ideal.

Problemas internos, de última hora, surgidos dentro do clube local o Almôdovar, que se propusera organizar a corrida, geraram algumas hesitações, que foram porém debeladas pelos elementos da Associação presentes, que conseguiram levar a bom termo a efectivação da prova, dentro dos condicionalismos de última hora.

Disputaram-se duas competições: uma destinada aos ciclistas Júniores e Séniores B de 1.ª época, comportando 15 voltas ao percurso. A outra foi destinada aos ciclistas Séniores A e Séniores B de 2.ª época, perfazendo 20 voltas.

Presentes, atletas do Campinense Boavista, Aljezurense, Louletano e Almôdovar.

Na 1.ª prova, destaque natural e já esperado para Luís Vargues do Campinense, que, arrancando logo após o sinal de partida deixou todos os competidores para trás, conquistando gradualmente avanço, e fazendo espectacular demonstração dos seus recursos, quase que mostrando que a sua corrida era outra à parte. Carlos Martins do Louletano foi para nós uma boa revelação, se bem que aquele tipo de prova não seja o teste ideal para se avaliar da real valia de um ciclista. Todavia, este jovem demonstrou boa fibra, muito sentido no despender do esforço e uma boa regularidade. Dos outros, uma palavra de incentivo para a rapazada que veio de Aljezur, e que se mostrou ainda um pouco «verde». Mas que isso não seja defeito.

Eis a classificação:

1.º Luís Vargues (Campinense), 17 m 45 s; 2.º Carlos Martins (Louletano), 18 m 57 s; 3.º Mervelino Rita (Louletano), 19 m 20 s; 4.º José Leal (Campinense), m. t.; 5.º José Mendes (Campinense), m. t.

Na prova destinada aos mais experientes, um acidente, parcialmente feliz assinalou a partida para as 20 voltas do percurso. Passou-se com Carlos Raimundo, este ano a envergar a camisola do Campinense, e que, tendo-se deslocado de Lisboa expressamente para vir correr a Almôdovar, não chegou praticamente a dar duas pedaladas pois partiu-se-lhe o guiador nas mãos. Feliz acidente, comentava o director técnico do Campinense, pois que, se tem dado em plena corrida, poderia ter trazido trágicas consequências.

De resto a competição foi muito equilibrada, com os corredores a vigiarem-se mutuamente, e não cedendo um palmo a quem quer que fosse, se bem que o público alentejano, puxasse pelo seu corredor António Guerreiro e este,

## Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria da Assunção Caetano e de sua filha Barbara Maria, encontra-se em Loulé em gozo de férias o nosso dedicado assinante nos E. U. A. sr. João Gonçalves Caetano.

por diversas vezes, ensaiou a fuga, António Guerreiro, que, vinha a ser protagonista principal do renhido sprint final, que deixou algumas dúvidas nalguns exaltados do público. A recta final, em forte subida, era antecedida por uma curva bastante apertada. Embalados e decididos a disputar o primeiro lugar, Manuel Correia do Campinense e António Guerreiro do Almôdovar entraram com bastante velocidade pelo lado de fora, e com dificuldades em não embater na calçada, o que obviamente lhe diminuiu o equilíbrio e a embalagem. Manuel Correia, com o arreganho que lhe conhecemos, não teve dificuldades em cortar a meta em primeiro seguindo do seu companheiro de equipa José Luís Pereira, que ainda logrou ultrapassar António Guerreiro.

No final, alguns espectadores protestaram vivamente, alegando que o vencedor teria empurrado o corredor alentejano, o que em boa verdade não desconfiamos, e tampouco a equipa do Almôdovar, e o seu ciclista em causa, apresentaram qualquer reclamação.

Eis as classificações:

1.º Manuel Correia (Campinense), 25 m 13 s; 2.º José Luís Pereira (Campinense), m. t.; 3.º António Guerreiro (Almôdovar), m. t.; 4.º Pedro Rodrigues (Boavista), m. t.; 5.º António Cavaco (Campinense), m. t.

## CALENDARIO DE PROVAS PARA O MÊS DE MARÇO

Dia 10 — Taça «Daniel Madeira», Séniores A e B; 11 — Prova «Brigada de Trânsito», Júniores; 18 — 1.ª Prova do Campeonato Regional de Fundo — Séniores A; 24 — 2.ª Prova do Campeonato Regional de Fundo C/R, Séniores A; 24 — Prova de preparação C/R Veteranos A; 25 — 1.ª Prova do Campeonato Regional, Séniores B; 31 — 2.ª Prova do Campeonato Regional - C/R, Séniores B; 31 — Prova de Preparação C/R, Juvenis; 31 — Prova de Preparação - C/R, Veteranos A.

**Joaquim Miguel Guerreiro & Irmão, Lda.**

**SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ**

**Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva**

Certifício, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 do mês corrente, lavrada de fls. 74, v.º a 75 v.º, do livro n.º B-105, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila de Loulé, com a firma «Joaquim Miguel Guerreiro & Irmão, Lda.», partilhados os havéres sociais, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Fevereiro de 1979.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

# SEGURADO DO DEPOSITANTE

## — um novo serviço do Banco Português do Atlântico

Desde o passado dia 1 de Dezembro de 1978, o Banco Português do Atlântico pôs à disposição de todos os seus Depositantes um Seguro de Acidentes Pessoais, um novo Serviço BPA que, como adianta-se verá, oferece extraordinárias vantagens a todos os seus utentes.

Contratado, pelo Banco Português do Atlântico, com a Companhia de Seguros Império e a Companhia de Seguros Ourique, o Seguro do Depositante BPA é uma apólice de Acidentes Pessoais e, como tal, cobre os riscos de Morte e Invalidez Permanente de correntes de um acidente ocorrido em qualquer parte do mundo, independentemente da idade, profissão ou estado de saúde do depositante.

Abrangidos pelo Seguro do Depositante BPA ficaram, pois, todos os Depositantes daquela Instituição de Crédito que entenderam por bem aceitar este novo Serviço do Banco Português do Atlântico, pessoas singulares, residentes no País, bem como os emigrantes ou equiparados a estes, com contas de depósito que vençam juros — à ordem, pré-aviso ou a prazo e, no caso dos emigrantes ou equiparados, também os que detenham contas em moeda estrangeira ou de poupança-crédito.

### DO CAPITAL GARANTIDO QUAL O VALOR PELO SEGURADO EM CASO DE ACIDENTE?

O valor de capital seguro é igual ao do saldo da conta (ou contas) que o Depositante BPA tiver na véspera do dia do acidente, limitado a um máximo de mil contos.

Vejamos, para melhor elucidação, um exemplo:

— Falecimento do Sr. A., a 14 de Janeiro, em consequência de um acidente de trabalho, a coberto do Seguro do Depositante.

Como Depositante do BPA, a sua conta, em 13 de Janeiro, acusava um saldo de 38 000\$. Este saldo será actualizado no prazo mínimo de 30 dias com

a movimentação na conta dos cheques e depósitos eventualmente emitidos antes do acidente. Determinada desta forma a importância real do saldo, será um valor igual colocado à disposição dos beneficiários do Sr. A. pela Companhia de Seguros Império, como gestora do contrato.

Se a conta (ou contas) estiver, porém, em nome de mais de um titular, o valor do capital seguro para cada um deles será o que resultar da divisão do saldo (ou saldos) — com limite de 1 000 contos — pelo número de titulares.

Vejamos, também aqui, em 10 de Janeiro, um acidente de automóvel do qual resulta o falecimento da esposa e, para o marido, uma situação de invalidez permanente parcial.

Em 9 de Janeiro, a conta de depósito conjunta que ambos mantinham no BPA apresentava um saldo de 1 124 000\$00. Aguardam-se, no mínimo, 30 dias para apuramento do saldo, pois havia cheques emitidos e ainda não apresentados para pagamento que totalizaram 104 contos.

O saldo ficou, portanto, em 1 020 contos. No entanto, e porque o capital máximo por conta é de 1 000 contos, do valor do capital seguro foi de 500 contos, por cada titular.

Assim, o marido recebe: como beneficiário, pelo falecimento da esposa, 500 contos; e mais 30% do seu próprio capital, correspondente à perda completa de movimento do ombro direito, 150 contos.

Deve referir-se, ainda, que nos depósitos de emigrantes efectuados em moeda estrangeira, o capital seguro é calculado em escudos, utilizando-se, para a conversão, o câmbio de compra a particulares da véspera do dia do acidente.

### QUEM BENEFICIA DO SEGURO EM CASO DE FALECIMENTO DO DEPOSITANTE?

Em caso de falecimento do Depositante BPA, o capital seguro será liquidado ao cônjuge não divorciado, nem sepa-

rado judicialmente de pessoas e bens, e, na sua falta, aos herdeiros legítimos do depositante.

O Depositante e Pessoa Segura pode, no entanto, instituir outros beneficiários, mediante declaração expressa a remeter ao Banco Português do Atlântico.

### QUAL O CUSTO DESTE SEGURO?

Dadas as condições muito especiais que um seguro deste tipo permite, nomeadamente a inclusão, numa só apólice, de várias centenas de milhar de pessoas, o seu custo é extraordinariamente baixo, insignificante face às vantagens que proporciona.

De facto, o Depositante BPA pagará apenas \$50 por cada 1 000\$00 de capital, sendo a importância total a pagar calculada na ocasião de contagem dos juros e automaticamente deduzida ao saldo da conta de depósito.

Porque, normalmente, uma conta de depósito apresenta, no decorrer do ano, variações no seu saldo, aquela taxa de cinquenta centavos por mil escudos incide sobre o saldo médio dessa conta.

Exemplificando:

Se o saldo médio de uma conta for de 30 000\$00, o valor a deduzir para pagamento do seguro será de 15\$00.

Temos, pois, que o custo do Seguro do Depositante BPA será, no mínimo, de \$50 por ano e, no máximo, de 500\$00, consoante o saldo médio seja de 1 000\$00 ou de 1 000 000\$00.

Estas, as principais características deste novo Serviço que, desde 1 de Dezembro de 1978, o Banco Português do Atlântico passou a oferecer a todos os seus Depositantes.

Se o leitor, no entanto, pretender outro esclarecimento, todos os Balcões BPA estão à sua disposição para responder às questões que entenda pôr-lhes.

## Livros Novos

Em geral, os comunistas são mudos como uma carpa quando se trata de revelar seja o que for sobre o Partido, mesmo quando com ele cortam relações.

Pierre Daix, que desempenhou durante três décadas cargos de grande responsabilidade no P.C.F., foi forçado — pela sua consciência de Homem — a abandonar o Partido.

Não pôde calar as causas profundas que o levaram a tomar essa decisão.

O seu depoimento agora editado em Portugal, constitui um inestimável documento histórico que desvenda os aspectos ocultos da vida interna dum partido comunista e do movimento comunista internacional.

Documento tanto mais espantoso quanto apresenta um partido comunista e o movimento comunista internacional vistos de dentro e com veracidade que só pode ser produzido por um testemunho em primeira mão.

ACREDITE NA MANHA é, por isso, um testemunho arrasador, em que o leitor ao chegar ao fim das suas quase quinhentas páginas, adquiriu uma perspectiva totalmente nova para a interpretação e compreensão de factos fundamentais da história recente.

Autor: Pierre Daix. Colaboração: «Estudos e Documentos». Editor: Publicações Europa-América.

## TERRENOS

### ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LO-

CALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

# Encontro das Misericórdias do Algarve realizado em Faro

Para estudo dos principais problemas das misericórdias do país, realizou-se há dias, na Santa Casa da Misericórdia de Faro, um encontro das Misericórdias do Algarve, o qual se revestiu de muito interesse.

Promovido pelo Secretariado da União das Misericórdias Portuguesas com a colaboração da Misericórdia de Faro, nele estiveram presentes os srs. D. Ernesto Gonçalves Costa, Bispo do Algarve, Padre Dr. Virgílio Lopes, Presidente do Secretariado da União das Misericórdias, Dr. Jorge Simão, Director Distrital de Segurança, Dr. José Frausto Basso, da União das Misericórdias, Virgílio Esquivel, O. Ramos, Vice-Provedor da Misericórdia de Faro e representações das misericórdias seguintes: Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Faro, Lagoa, Lagos, Loulé, Moncarapacho, Monchique, Portimão e Vila do Bispo.

Aberta a sessão foi exposta pelo Dr. Virgílio Lopes a situação actual das misericórdias, suas dificuldades nos últimos tempos e suas justas pretensões.

Na sequência da sua brilhante exposição foram apresentadas por muitas das misericórdias presentes as suas principais dificuldades e iniciativas em marcha, travando-se animado diálogo entre os assistentes.

A seguir ao almoço, que decorreu na Casa de Santa Zita, realizou-se a segunda sessão de trabalho, presidida pelo sr. Director de Segurança Social, que usou da palavra, assim como o sr. Dr. José

Frausto Basso, da União das Misericórdias.

Após larga troca de impressões e discussão em volta dos temas postos à consideração, as Misericórdias presentes aprovaram, por aclamação, as seguintes conclusões:

1 — Reafirmaram a sua natureza jurídica tradicional de irmandades canonicamente eleitas para a prática da caridade cristã e reclamam que isso mesmo lhes seja reconhecido oficialmente com a maior urgência, tendo em consideração que contra elas continuam iminentes atitudes e ações que gravemente as podem prejudicar;

2 — Reclamam a publicação urgente do prometido e almejado estatuto jurídico das instituições privadas de solidariedade social não lucrativas o qual venha clarificar a situação e designadamente resolver as questões suscitadas pela execução dos D. L. 35108, de 7.11.45, 704/74, de 7-12 e 618/75, de 11-11;

3 — Afirmam expressamente que aos corpos gerentes das próprias instituições compete com exclusividade a administração das misericórdias e por isso mesmo denunciam e repelem com a maior energia as intromissões de quaisquer poderes paralelos;

4 — Recomendam com muito interesse que as misericórdias promovam, a nível local, a realização de actividades de carácter popular e cultural que despertem nas populações o interesse e carinho pelas instituições particulares de assistência.

## Os jardineiros

Em bela manhã d' Abril  
Jardineiros militares  
Semearam p'lo País  
Cravos aos hectares.  
Mas um Vasco à maluca  
E um Cunhal, sorrateiro  
Regaram-nos tão à bruta  
Que murcharam os craveiros.

E a plantação degenerou  
E deu Carvalhos, Pinheiros,  
E plantas bravas picantes.  
Faltam agora os jardineiros  
Nestes difíceis instantes  
Nestes momentos tão bravos  
P'ra pôr ordem no jardim  
E façam nascer os cravos.

AFÉLIO

## Inatel faz balanço

Mais de trinta e sete mil presenças em espectáculos de cinema, teatro, música, folclore e variedades foram registadas em 1978, nas manifestações culturais promovidas pela delegação do INATEL no Algarve.

Foram de longe as exibições cinematográficas — 194 em 250 espectáculos organizados — as que movimentaram maior número de trabalhadores algarvios — aproximadamente 22 500.

# O Carnaval de Loulé

(continuação da pág. 1)

do de sentimentos e atitudes, em profusão fulgurante.

Como estava anunciado a parada dos carros alegóricos decorreu na Avenida José da Costa Meiaha, que foi convenientemente emoldurada para o efeito.

Este ano esta principal arteria da vila esteve engalanada de forma invulgar emprestando ao ambiente só por si um ar festivo e ovante.

Tomaram parte no cortejo cerca de 22 deslumbrantes carros alegóricos, devidamente fantasiados e equipados por figurantes condizentes trajados.

Naturalmente, que dado o seu esmerado acabamento, só possível a quem domina os artifícios da ornamentação foram eles e as suas tripulações os alvos directos das atenções.

Todos os carros apresentados na «Batalha de Flores», foram emulsoes das edições anteriores, ultrapassando alguns deles, quer pela ousadia da concepção quer pelo detalhe ornamental e colorido, o que de melhor já se tinha visto e produzido.

Merocem citação especial, o «avião da Varig», a «fantasia oriental», o «cavalo de Tróia», o «carrocel», o «piano de concerto», o «calhambeque» e «apoteose a Neptuno», para não falar noutros que por sinal não desfazem do conjunto, antes proporcionaram notícias contrastantes em termos de motivações e variações temáticas.

A integrar o desfile, actuou com estrépito a fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Faro, os «Sempre Prontos», conjunto musical vivaz e azougado composto por elementos pertencentes à Banda Filarmónica Artistas de Minerva, vulgo «Música Nova», e outros grupos, inclusivamente «gigantões» e «cabecudos», foliões e travestidos inquietos e outros tantos jograis de ocasião.

Nas placas centrais, nos passeios e nas varandas dos prédios da Avenida, inúmeros espectadores amontoaram-se e acotovelaram-se nas horas de maior animação e, se não tomaram parte nas diversões e folguedos carnavalescos, viram-se envolvidos e aturdidos pelo carnaval a passar.

Para além do ruído dos conjuntos e da própria multidão, altifalantes transmitiam músicas salientes populares alusivas à quadra.

Nos pontos mais afeiçoados, barracas de comes e bebes, apinhadas, não tinham mãos a medir para atender a voraz clientela.

A afluência foi realmente enorme. De todos os pontos do Algarve e de regiões do norte do País, convergiram forasteiros em transportes próprios ou em excursões.

Os dias mais concorridos, como já é tradicional, foi o primeiro e o último, cujos ingressos no recinto as bilheteiras aferiram com aproximação, não contando com os «borelistas».

Mais uma vez se evidenciou e confirmou a vocação aliciante e legendária do Carnaval de Loulé, que continua a captar as simpatias das multidões que acorrem de todos os lados e o elegem por entre os mais, como cartaz ambicionado e favorito.

Deve assinalar-se, como complemento à ornamentação da Avenida, a entrada do recinto encimada pela inscrição de formato gigantesco — CARNAVAL DE LOULÉ — que logo no pórtico produzia um autêntico impacto.

Afora o desfile, o corso e a batalha de flores, todos estes atractivos desenrolados durante a luz do dia, decorreram também nas três noites sucessivas e duraram até alta madrugada os bailes da Comissão de Festas, no «palácio do trigo», do Louletano, Sociedade de Artistas, e Campinense cujas salas estiveram à cunha e acusaram extraordinária animação.

Aí, nesses locais, o Carnaval

assumiu outras facetas, foi carnaval de salão assistido por excelentes conjuntos musicais, e festejado, como sempre, exuberantemente pela juventude, que deu lugar ao seu expansivo e tempestuoso feito.

Como ressaca deste espetacular e inolvidável Carnaval de Loulé não teriam ficado na memória de quem as contemplou apenas as imagens estuantes. Algo mais terá perdido, igualmente. Provavelmente, graças à descompressão e escape emocionais, uma mais consolidada disposição de encarar de forma mais complacente as decorrências e as agressividades quotidianas.

Indubivelmente, como charme e como placard de vocação turística o Carnaval de Loulé firmou-se uma vez mais, atestando a sua autêntica potencialidade, passível até de suplementares dimensionamentos.

Embora haja em apreço alguns senões, tal o caso de alguns circunstâncias à «batalha de flores»; não obstante os empenhos da organização, terem descambado para o abuso, o saldo geral deste portentoso festival, foi altamente positivo.

O êxito conseguido plenamente foi com efeito o melhor galardão que lhe coube em troca.

O CARNAVAL DA LOULÉ, gravou mais uma vez nos seus anais uma edição de retumbante ressonância.

Loulé e o Algarve estão de parabéns, como de parabéns estão os seus promotores e patrocinadores, a Câmara Municipal, comissão organizadora e Comissão Regional de Turismo.

Loulé pode ufamar-se e felicitar-se.

## NOTAS COMPLEMENTARES

Entre os elementos da comissão organizadora, a que fizemos já referência na devida oportunidade há a incluir o nome de Manuel Correia, que teve também uma acção determinante na idealização e confecção dos carros alegóricos.

Cabe salientar também o trabalho desenvolvido pelas diversas equipas de tarefeiros, designadamente a carpintaria, de ferragens e decorativa, esta última formada quase em exclusivo por mulheres, que se encarregaram pacientemente dos «bordados» a papel.

Nem tudo decorreu a contento, na parte que concerne à participação do público no corso carnavalesco.

Conquanto tenhamos alertado para o civismo a que qualquer um é obrigado a pautar, tivemos conhecimento que alguns «energumens» incorreram em abusos não harmonizantes com um carnaval civilizado.

Por via de uns tantos detractores, pode-se comprometer a reputação deste festival e afugentar muita gente que dele fica com uma imagem deturpada.

Seria bom que alguns desses tais aprendessem a ser gente e a conviver em sociedade.

O acesso aos bailes do «palácio do trigo», promovidos pela comissão organizadora, pareceu-nos de preço excessivo.

Cada bilhete de entrada custou 300\$00 e a marcação da mesa 100\$00.

Tais preços poderiam até fazer supor que haveria intuições de selectividade, que julgamos estarem a leste desta questão.

Por outro lado, o elevado número de reservas de mesas situadas nos pontos mais favoráveis, às ordens da Comissão, levantou reparos que não teriam razão de existir, se realmente as referidas reservas fossem menos elevadas e não relegassem os interessados para os locais menos procurados.

Arestas há a limar e algumas podem ser até evitadas.

J. C. VIEGAS



Mãe e filho: o presente e o futuro. Futuro que também nós ajudamos a construir, fomentando as poupanças e aplicando-as em investimentos produtivos.

Em todo o País, a Caixa Geral de Depósitos está presente, com a preocupação de servir cada vez melhor.



**CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS**  
de novo na Praça da República, em  
**LOULE'**

## EUROCAMPINA - Congelação do Algarve, Lda.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 2.º CARTÓRIO

**Notário:** Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Dezembro findo, lavrada de fls. 111 a 114, do livro n.º A-5-6, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre António da Silva Soares, Adelino Antunes Conde, José Adelino Pais Lopes e Albino Gonçalves Mesquita, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «EUROCAMPINA — Congelação do Algarve, Lda.», com sede na Rua Projectada à Rua José Joaquim Soares, n.º 4, 6.º andar, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado a contar desta data, podendo a sede ser transferida para qualquer outro local por simples deliberação da Assembleia Geral.

2.º — A sociedade tem por objecto a exploração de todas as actividades relacionadas com a indústria de frio e, bem assim, quaisquer outras actividades, comerciais ou industriais em que os sócios acordem.

3.º — 1. — O capital social é de 2 500 000\$00, integralmente realizado em dinheiro, e encontra-se dividido em quatro quotas, sendo uma do montante de 1 000 000\$00, pertencente ao sócio Albino Gonçalves Mesquita, e três de 500 000\$00, pertencendo uma a cada um dos restantes sócios.

2. — São permitidas prestações suplementares, de capital, nas condições que forem deliberadas em Assembleia Geral.

3. — Os sócios poderão efectuar suprimentos à sociedade, os quais vencerão juros e serão reembolsáveis nas condições que forem deliberadas em Assembleia Geral.

4.º — É reconhecido à sociedade o direito de preferência na cessão de qualquer quota.

§ 1.º — É livre a cedência entre os sócios, no caso de a sociedade não usar do seu direito de preferência.

§ 2.º — Se qualquer sócio pretender alienar a sua quota a estranhos, e se a sociedade não quiser usar o direito de preferência, é este atribuído aos sócios.

§ 3.º — Se mais de um sócio pretender adquirir a quota, será ela dividida por todos os interessados, na proporção das quotas.

5.º — 1. — A gerência e administração da sociedade, e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas pelo gerente ou gerentes a eleger em Assembleia Geral, que os dispensará ou não de prestar caução e lhes fixará a remuneração, e a quem são conferidos os mais amplos poderes, com exceção da alienação e oneração de bens imóveis sujeitos a registo, actos que dependem de autorização da Assembleia Geral.

2. — Desde já fica reservado ao sócio Albino Gonçalves Mesquita o direito de exercer a gerência a partir da sua comunicação por carta registada com aviso de recepção.

3. — Com prévio acordo unânime dos outros sócios sobre a pessoa escolhida, acordo que constará da acta, qualquer dos sócios gerentes poderá, mediante procuração, delegar parte dos seus poderes de gerência em pessoa estranha ou não à sociedade.

4. — É proibido aos gerentes e seus procuradores obrigarem a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto da mesma.

5.º — 1. — No caso de morte, interdição ou inabilitação de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros do falecido ou o representante legal do incapaz ou inabilitado.

2. — Enquanto a quota se encontrar indivisa ou por partilhar será representada na sociedade por um só dos titulares que, à falta de designação diferente comunicada à sociedade por todos eles será o cabeça de casal da respectiva herança.

7.º — 1. — A sociedade po-

derá amortizar as quotas nos seguintes casos:

a) quando uma quota for transferida para estranhos sem consentimento da sociedade, ainda que mediante processo executivo de qualquer natureza.

b) quando o seu titular for declarado em estado de falência ou insolvência, ou quando a quota for penhorada ou arrestanda.

c) por acordo do seu titular.

d) quando ao seu titular seja imputada violação grave das suas obrigações para com a sociedade.

2. — A amortização poderá ser deliberada no prazo de um ano a contar da data em que a sociedade tenha conhecimento do respectivo fundamento.

3. — O preço da amortização será no caso da alínea c) do n.º 1. o acordado e nos restantes casos corresponderá ao valor nominal da quota, acrescido da sua parte nos fundos sociais, conforme o último balanço aprovado.

4. — O preço da amortização será pago em quatro prestações semestrais, iguais e sucessivas, vencendo-se a primeira seis meses após a respectiva deliberação.

5.º — 1. — As Assembleias Gerais para as quais não sejam exigidas formalidades especiais serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, expedidas com a antecedência de oito dias, pelo menos.

2. — Independente da convocatória da Assembleia Geral reunirá de três em três meses em local, dia e hora a estabelecer por acordo dos sócios.

9.º — Os lucros líquidos apurados no fim de cada exercício, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos entre os sócios na proporção das suas quotas, se a sociedade lhes não deliberar destino diferente.

10.º — No caso de dissolução da sociedade será liquidatório o sócio que for deliberado em Assembleia Geral, devendo a liquidação ser feita por licitação entre os sócios do património social, se outra forma não for deliberada.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 8 de Janeiro de 1979.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## Cooperativa Agrícola e Cultural de Cortelha, S.C.R.L.

Por alvará de 6 de Fevereiro de 1979:

Aprovados o título da Constituição e os estatutos com que pretende constituir-se, nos termos da legislação vigente sobre associações agrícolas, uma associação agrícola com a denominação de COOPERATIVA AGRÍCOLA E CULTURAL DE CORTELHA, S. C. R. L., com sede e principal estabelecimento em Cortelha, freguesia de Salir, e circunscrição limitada à área dos sítios de Cortelha, Vale Maria Dias Cumeada e Barranco do Velho, do concelho de Loulé.

Esta associação é uma co-operativa de compra, transformação e venda, ten-

do por fim principal a colocação dos produtos provenientes das explorações agrícolas dos seus associados e a aquisição de bens necessários às explorações agrícolas dos seus associados.

A Cooperativa, cujo capital social mínimo é de 10 000\$, obriga-se a aceitar a alteração da referida área social na medida em que superiormente for julgado necessário.

Direcção-Geral de Extensão Rural, 6 de Fevereiro de 1979.

O Director-Geral,  
Manuel Dias Nogueira

## HABILITAÇÃO NOTARIAL

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

**Notário:** Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 23 de corrente, lavrada de fls. 76 a 77, v.º do livro n.º B-105, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Amélia das Dóreas, também conhecida por Amélia das Dóreas Luís, ocorrido no dia 2 de Novembro de 1978, no Hospital desse vila, natural da freguesia de Bioliqueime, concelho de Loulé, habitualmente residente no Largo Dr. Manuel Arriaga, desse vila e freguesia de S. Sebastião, no estado de casada em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com José Gonçalves Rocheta, actualmente seu viúvo, natural da freguesia dita de S. Sebastião, residente no

mesmo Largo Dr. Manuel de Arriaga, sem parentes em linha recta, mas com testamento público lavrado em 9 de Agosto do ano findo, a fls. 39, v.º do livro n.º 18, de notas para testamentos, públicos e escrituras de revogação de testamentos desse Cartório, no qual instituiu por seu único e universal herdeiro, seu sobrinho por afinidade, Francisco Marta Campos, casado segundo o regime da comunhão geral de bens, com Cidália Santos Luís Campos, natural da freguesia e concelho de Albufeira, e residente actualmente no aludido Largo Dr. Manuel de Arriaga, foram habilitados:

a) o cônjuge sobrevivo, o referido José Gonçalves Rocheta;

b) o herdeiro que a mesma institui pelo seu citado testamento, o aludido Francisco Marta Campos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Fevereiro de 1979.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## Aos Agricultores do Concelho de Loulé

EMPRESA JÁ CONSTITUÍDA PRETENDE APOIAR AGRICULTURA ALGARVIA CONSTRUINDO GRANDES ARMAZÉNS COM CÂMARAS DE FRIA E REFRIGERAÇÃO E MÁQUINA DE CALIBRAR E PARAFINAR LARANJA E DE EMBALAGEM PARA EXPORTAÇÃO.

AS INSTALAÇÕES SERÃO CONSTRUÍDAS EM ALMANCIL.

SE DESEJA ASSOCIAR-SE BENEFICIANDO DOS LUCROS E DESENVOLVENDO E APOIANDO A AGRICULTURA ALGARVIA ESCREVA OU TELEFONE PARA:

DR. JACINTO DUARTE — TELEF. 62747 — LOULÉ (4-3)

## FAMEL - ZUNDAPP

A GRANDE VENCEDORA DOS CAMPEONATOS

NACIONAIS DE 76, 77 E 78!

### Motorizadas FAMEL - ZUNDAPP

um conjunto de confiança!

FAMEL — ÁGUEDA

(8-5)

Cartas ao Director

## Aldeia esquecida na Serra do Caldeirão

Sr. Director — O facto de o jornal que V. dirige e que tantas e tão sobejas provas de uma orientação altruísta em favor da justiça e da verdade nas múltiplas facetas da nossa sociedade vir dando no quotidiano das suas edições, leva-me a pedir a publicação deste meu desabafo, que é o porta-voz de tantos dos meus conterrâneos da esquecida freguesia do Ameixial, no concelho de Loulé, situada nas alturas da serra do Caldeirão.

Fui ali passar a quadra do Natal, num hábito de há mais de trinta anos, e a tristeza e revolta que senti, muito especialmente nos últimos dois anos, quando lá me desloco, são de tal ordem que não posso mais calar, porquanto as condições de vida dos seus quase 750 habitantes são da ideia-média. Sem luz eléctrica; com água imprópria para consumo nos únicos três poços centenários, secos no Verão, e uma fonte a um quilômetro da aldeia. Os seus habitantes viram goradas as suas aspirações de melhoria de condições de vida.

Foi a Câmara Municipal de Loulé que, sem qualquer concurso

### APARTAMENTO - Vende-se

Vendo apartamento em Quarteirão Sol (Quarteira Norte), rés-do-chão, com sala círculo, 2 quartos, 2 casas de banho e cozinha. Muito amplo e bem mobiliado. Tem o n.º 3512. Sujeito a oferta.

Resposta a este jornal ao n.º 41.

(3-3)

(Do «Diário Popular»)

### FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

— O que diz a tradição?

— Diz que em certos dias do ano se reunem numa sala, sete varas abaixo da terra, sob o prédio de D. Victória Faísca, os mousos e mouras encantadas, entre os quais figura o rei de Silves. É este quem preside a estas reuniões; todos os mais são seus subditos. No dia em que seja desencantado, todos ficarão livres. Ora para o desencantamento do carneiro do Vale é mister regar a área do terreno em que está encantado com a água da massa fabricada e manuseada em noite de S. João. Isto, que parece fácil, é de grande dificuldade pois que não se pode precisar qual é a área do seu encanto. Tem o carneiro aparecido muitas vezes no moinho do Vale; mas é somente ali que está encantado? Não se sabe.

Parece que na parte do castelo, que dá para as bandas de Sant' Ana, e no lugar onde havia uma antiga porta chamada Miradela (?) está também encantada uma moura, senhora já de uma certa idade. É tia de outra encantada no lugar da porta do sul do mesmo castelo, onde actualmente existe o prédio do sr. Francisco Assis da Gonçinha.

No sítio do Vale de Cães aparece uma formosa moura...

— Parece que toda a mourama ficou encantada em Loulé, ousei observar.

— Não foram todos, mas muitos. Dizia meu avô, por ouvir dizer aos seus ascendentes, que só de uma família ficaram encantadas doze pessoas, doze irmãs espalhadas por Loulé, Querença, Salir e Faro.

— Também Querença?

— Sim, senhor: lá está uma das irmãs encantada em estátua de pedra.

Sobre o arco do castelo, hoje conhecido pelo arco da Senhora do Pilar, muitas pessoas têm visto ao romper da alva jovem moura a pentejar-se. Também tem aparecido de noite.

— Como soube que os encantados se reunem em certas épocas?

— Por ouvir dizer às pessoas idosas. Dizem até que esses seres desditosos, antes da hora da reunião e ao atravessar as veredas subterrâneas que para ali os conduzem, passam por três tinas cheias de água, uma de cobre, outra de prata, e outra de ouro. E a este propósito vou contar um caso que aconteceu a minha avó.

Numa noite de Agosto, estava minha avó no seu quarto trabalhando em serviço de costura, pareceu-lhe ouvir chover. Ficou admirada, pois que momentos antes tinha chegado à janela e vira

## AGROLUDO — Sociedade Agro-Pecuária do Ludo, Lda.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 23 do mês corrente, lavrada de fls. 74 a 75, v.º do livro n.º A-105, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Lucas da Conceição Genovevo, Ilídio Lucas de Jesus Guerreiro, Jorge Manuel Lucas dos Santos Pinto e Ilídio Jacinto Guerreiro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de Agroludo — Sociedade Agro-Pecuária do Ludo, Limitada, tem a sua sede no sítio do Muro do Ludo, freguesia de Almansil, concelho de Loulé e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto consiste na exploração da indústria agro-pequária, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade, que os sócios resolvam explorar e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social integralmente realizado em

dinheiro, já entrado na Caixa Social é do montante de cem mil escudos, e está dividido em quatro quotas iguais de vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Quarto — A cessão de quotas — no todo ou em parte — entre sócios, é livre; — a estranhos depende de prévio e expresso consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo.

Quinto — 1. A gerência da sociedade dispensada de caução pertence exclusivamente aos sócios Lucas da Conceição Genovevo, Ilídio Lucas de Jesus Guerreiro e Jorge Manuel Lucas dos Santos Pinto, que desde já ficam nomeados nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de

### COMPRO

Ouro, pratas, relógios de bolso antigos e moedas. PAGO BEM.

Ourivesaria Dinis — Telf. 65527 — QUARTEIRA.

(12-8)

dois sócios gerentes, devendo, no entanto, uma delas ser sempre a do sócio gerente Lucas da Conceição Genovevo; — exceptuando-se, porém, os actos de mero expediente, para os quais basta a assinatura de qualquer sócio gerente.

3. A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, lettras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

Sexto — As Assembleias Gerais serão convocadas, por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Fevereiro de 1979.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

## ALUGAM-SE APARTAMENTOS

Precisam-se apartamentos com ou sem mobília, em Loulé ou Faro.

Nesta redacção se informa.

(2-2)

a noite clara. Ergueu-se e foi à janela. A noite estava bonita e o céu límpido de nuvens. Voltou para o quarto, sentou-se e pegou no trabalho. Ouviu novamente chover. Pareceu-lhe o facto extraordinário e dirigiu-se ao quarto de sua mãe, entrevadiu-a em uma cama. Contou-lhe o que lhe estava sucedendo. Então, sua mãe respondeu-lhe apenas:

— Recolhe-te ao teu quarto, fecha a janela e volta para junto de mim.

Minha avó cumpriu as ordens de sua mãe e voltou para o pé da cama.

— Sabes o que ouviste, minha filha?

— Ouvi chover.

— Enganaste-te. Fica sabendo que nesta noite há grande reunião de mouras e mouros encantados. Já passaram pelas três tinas, e agora os criados procedem ao despejo. Pareceu-te ouvir chover, era a água das tinas lançada por mãos invisíveis à rua.

Minha avó contou-me este caso muitas vezes.

Na Fonte do Mouro, freguesia de S. Brás, aparece uma rica moura, que de boa vontade oferece a quem a desencantar doze sacos de dinheiro em ouro.

— Pasmo de que tanta gente, encantada hoje, não apareça a ninguém, observei na minha aparente ingenuidade.

— Isso julga o senhor. Aparece, aparece. Oh se aparece! respondeu a minha interlocutora, dando uma certa expressão às palavras.

— Já viu alguma moura?

— Olhe bem para mim. Supõe que serei capaz de o iludir?

— Não suponho.

— Pois bem. Eu e minha filha temos visto muitas vezes um mourinho encantado com o seu gorro na cabeça.

— Onde o viu?

— Aqui mesmo, nesta casa.

Fiquei surpreendido. Era a primeira pessoa que me afirmava um facto desta natureza com o seu próprio testemunho. A velhinha que me acompanhara a esta conferência conservava-se sentada e silenciosa. Certamente não ouvia pela primeira vez aquela declaração.

— Estou admirado de conservar tantos factos de memória, disse eu, não encontrando outra coisa que dizer.

— Se não tivesse os meus apontamentos, não poderia reter na memória tudo o que lhe tenho contado.

# PEDAÇOS DE VIDA

texto e presença de  
JOSÉ MANUEL MENDES



## PORTUGAL, UM PAÍS A METER ÁGUA

Se, por meteórica hipótese, ou metafísica possibilidade, houvesse uma potência qualquer do outro mundo, se outras galáxias, necessitadas de povoar as suas colónias celestes, carenciada de mão-de-obra diligente e capaz de tudo, para fazer funcionar a sua máquina de indústria cósmica, que chegassem aqui, possuassem num qualquer acordo diplomático com o Governo de S. Bento, e declarasse ao povo português, em voz de farta e algibeiras de novo rico, que tinha as portas abertas, à nossa emigração, temos sérias dúvidas sobre se cá ficaria algum nostálgico, cheirando este ar de maresias cortante, no alto desta nau em vias de afundamento.

Se, por acaso de divinas imaginações, o povo português fosse o Eleito para um paraíso qualquer, onde lhe não tivessem uma dentadinha que fosse do 13.º mês, onde os impostos fossem um jongo de lotaria, em que cada um arriscasse como queria, onde a alimentação, a saúde, a habitação e a educação não abocanhassem as percentagens todas dos orçamentos familiares, mas ainda sobrasse qualquer coisa para o indivíduo jogar fora, investir ou comprar o Pato Donald, onde as casas não tivessem chaves com trespasso, onde a informação não tivesse rabos de sectarismo nem nabos de incompetência, onde eu sei lá..., onde cada um pudesse fazer de si, aquilo que sempre ambicionara na medida do cidadão comum, francamente, não sei quem faria tratos com o Diabo, e quem não faria!...

Tudo isto, enfim, para chegar a esta triste realidade: os portugueses acham-se tão fartos deste Portugal, que, se tivessem asas na vonade, e sítio acolhedor para onde ir, nesse possível grande êxodo, talvez não ficassem nem velhos nem novos, nem esquerdos nem direitos, nem vermelhos nem cores de rosa. Apenas cá ficariam as ervas e os espinhos, que cresceriam e se expandiriam à sua inteira vontade, e aqueles que, por tão preguiçosos, se sentissem incomodados até com o movimento do crescer das próprias barbas.

A realidade, todavia, é bem diferente. Nem se vislumbram quaisquer indícios de Messias ou de Terras Prometidas. O lugar dos portugueses, ainda que contra estas vontades ocasionais, continua a ser em Portugal, e, depois destas semanas de catástrofes e de intempéries que temos vivido, não nos resta outro caminho que não seja arregaçar as calças até ao joelho, e continuar chapinhando nesta veiga luta de levar a água ao moinho.

## ALGARVIOS NA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA

### — GRALHA A RELEVAR

Com o título supracitado, saiu a lume, na nossa edição de 22 de Fevereiro último, um artigo da autoria de J. Piedade Júnior.

Posto que, a certo ponto uma «gralha» desfigurou o sentido do texto pois, em vez de «Ciências» se grafoi inadvertidamente «denúncias» (1), aqui transcrevemos, apresentando pelo facto as nossas desculpas, o trecho devidamente corrigido.

«Uns poucos de homens dotados de grande amor das ciências

Fizeram deste País um barco antigo. Não lhe substituíram as madeiras manuelinas que lhe fortaleciam o casco. Entregaram-lhe o comando a capitães de águas turvas, incapazes de conduzi-lo a porto seguro. Castraram-no, retirando-lhe os melhores canhões, que lhe serviam de suporte na defesa. Inquinaram-lhe a água da esperança. Em dois anos, o escorbuto ideológico quase lhe dizimava a tripulação. Qualquer onda, vindia de outros mares, faz balançá-lo, como uma casca de noz.

E nós todos, cá dentro, deste barco antigo, sentimos a água que entra pelos rumbos, o Tejo, o Douro, o mar, o vento, mas, pior que tudo a traição dos homens que querem a todo o custo afundá-lo. Somos muitos a reboque, e poucos a fazer força.

Continua muita gente de pantufas nas cabines, e poucos pés descalços às amarras fazendo frente à tempestade.

Se a coragem nos falta, não há santos que nos valham.

O naufrágio está à vista.

Assim se vê como funciona a poderosa «máquina» do PC

## A cruz sobre as argolinhas...

No «Diário», de 26 de Dezembro passado, ao relatar como se processou a vitória da APU nas eleições municipais desta cidade, em Novembro passado, em nome da Comissão Coordenadora da APU de Évora José Alves Madeira observou que a APU poderia ter obtido o 5.º vereador, se não fossem os boletins inutilizados por terem a cruz nas argolinhas...

Isto mostra bem como os eleitores foram ensinados a votar, não no PC (no qual muitos não teriam votado) mas nas argolinhas, onde meteram as mãos pelos pés...

A propósito, Alves Madeira resumiu assim a propaganda feita pela APU para estas eleições:

«Nesta fase constituíram-se dezenas de Comissões de Apoio, cobrindo toda a área do concelho, quer geograficamente, quer por sectores de actividade. Publicámos um manifesto à população do concelho, de apoio à lista dos candidatos da APU, subscrito por 43 professores, 22 médicos, 18 enfermeiros, 8 comerciantes, 20 operários agrícolas, 7 domésticas, 5 actores, 10 empregados de escritório, 11 operários de construção civil, 10 trabalhadores de seguros, 19 funcionários públicos e de serviços, 10 metalúrgicos, 5 escritores, 5 ferroviários,

## Carnaval de cá e de lá (Brasil)

Não é possível estabelecer um confronto entre o Carnaval, dito português e o brasileiro.

Segundo a Anop, o Carnaval-79, passou quase despercebido para a maioria da população portuguesa.

Quanto ao Carnaval de Loulé já sabemos como foi e se alguns abusos houve estes não perderam pelo anátema público.

Mas deixemo-nos de pruridos e sem minimizar a questão que nos toca, ocupemo-nos um pouco com a «loucuraz» de um carnaval que causou no Rio de Janeiro 177 mortos e 50 em São Paulo.

Nos dois primeiros dias do Carnaval carioca a polícia interveio 1032 vezes em distúrbios e acidentes que causaram 86 mortos, 182 detidos por violência, 280 para averiguações, 48 por porte de arma e 22 por uso de estupefacientes.

Isto é um balanço feito muito

## Algarve sem água

O conceituado diário lisboeta «A Capital», transcreveu, na sua última edição de 14 de Fevereiro último parte do artigo «Algarve sem água», da autoria de Norberto R. Silva, inserido em «A Voz de Loulé».

Pela distinção de que fomos alvos daqui lhe endereçamos os nossos agradecimentos.

pela rama, mas que dá pano para mangas e que pensar.

Não senhores, neste modo não é viável quaisquer comparações... No entanto, todo este reboligo deve-se num país também ele flagelado por catastróficas inundações e de tal monta que um grupo de ritmistas da cidade de Vi-

tória, já com a presença confirmada no Carnaval de Loulé, foi impedido face às circunstâncias, de comparecer à última hora...

Nem por isso o carnaval carioca deixou de farrar desabridamente.

Pelos vistos.

## III ENCONTRO DA IMPRENSA ALGARVIA

(continuação da pág. 1)  
cdir a sua acção em todos os domínios da vida dos algarvios;

Considerando que com a aprovação da lei das autarquias locais, as futuras regiões administrativas, e concretamente as autarquias, desempenharão um relevante papel cultural económico e social no seio das populações locais, actuando como barómetro das suas aspirações e necessidades;

Considerando que na estrutura dum estado democrático o poder local, a imprensa regional e todas as instituições locais que mais cabalmente possam espelhar o sentir das respectivas populações adquirirão uma importância cada vez maior, à medida que se institucionalise o poder local;

Considerando que não obstante a pressão exercida sobre os or-

gãos da imprensa regional, que se fez sentir designadamente no tempo do fascismo e depois do 25 de Abril, na época gonzalvista, a Imprensa regional algarvia na sua generalidade soube assumir a sua verdadeira função ou seja a defesa dos interesses das populações locais;

Considerando que nessa perspectiva de definição rigorosa e ontológica de rumo, os jornais do Algarve adquiriram um prestígio e uma dignidade que situaram a Imprensa Regional do Algarve num plano moral e democrático hoje reconhecidamente destacado pelos mais diversos quadrantes ideológicos;

Considerando que uma tal imprensa só poderá manter a sua posição intransigente de defesa dos interesses do povo algarvio, alicerçando-se em sólidas estruturas económicas e financeiras, de modo a permitir-lhe a sua continuada e permanente acção de saudável neutralidade;

Considerando que as actuais dificuldades financeiras porque passam muitos jornais do Algarve agravados pelo substancial aumento do papel, salários e outros ingredientes indispensáveis à confecção dos jornais torna a situação de muitos deles extraordinariamente precária;

Considerando que é insubstituível o papel desempenhado pela imprensa regional, pois que é ela que ausulta e detecta quase com rigor científico o profundo sentir das populações a que se dirige colmatando e superando com oportunidade e sagaz eficiência o vazio que a imprensa diária nacional, por mais que se esforce não consegue preencher;

Pergunta-se ao Ministério da Comunicação Social quais as medidas que pensa adoptar no sentido de assegurar os mecanismos jurídicos e financeiros indispensáveis à projecção e desenvolvimento da imprensa algarvia e regional exigido pela imparável descentralização do poder instituído.

## INFRACÇÕES DE TRÂNSITO COMETIDAS EM DEZEMBRO /78

### — Informes transmitidos

pelo comando da PSP  
de Faro

boa condução e autodisciplina, factores estes primordiais para o estabelecimento de um bom nível de segurança rodoviária.

Desde que vigora este plano, foram atribuídos até hoje 276 prémios, averbando os índices de pontuação anual sem acidentes, por motoristas, quadruplicado desde então.

Esta iniciativa insere-se na actividade que a Mobil tem dedicado em Portugal aos problemas relacionados com a segurança rodoviária, quer a nível das crianças (centro de trânsito no Jardim Zoológico) quer a nível geral de apoio de campanhas similares, designadamente na campanha «Circular é Viver».

Segundo a informação transmitida pelo Comando de Faro da PSP, através das várias operações stop e fiscalizações de rotina foram detectadas em Dezembro último, 280 infrações ao regulamento de trânsito.

As infrações mais frequentes foram as seguintes: estacionamento irregular (142), desobediência à sinalização (69), falta de licença de condução da velocípede (32), falta de capacete (24).

## MOBIL PORTUGUESA

instituiu prémios  
para os seus motoristas

Na senda de um plano de prémios de boa condução instituído desde 1969, a Mobil Oil Portuguesa atribuiu a 27 dos seus motoristas os respectivos galardões e diplomas de mérito respeitantes ao ano findo de 1978.

A entrega dos diplomas decorreu nas instalações da Mobil em Cabo Ruivo em Lisboa e prosseguiram depois num restaurante da cidade do Porto, nos transactos dias 16 e 18 de Janeiro.

Os prémios e diplomas de boa condução são atribuídos mediante uma tabela de pontuação e condições expressas no regulamento por uma comissão, tendo como principal objectivo incentivar os seus motoristas a uma